

Presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, descartou intervenção no mercado de câmbio em depoimento no Congresso Nacional

Economia - Brasil

Estabilidade de preços levará à queda dos juros

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O Brasil passou, sem maiores traumas, pelo seu primeiro teste a turbulências internacionais. Foi o que garantiu ontem o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, em depoimento em sessão conjunta de seis comissões do Congresso. Segundo ele, o dólar subiu um pouco nas últimas semanas, turbinado pelo nervosismo dos investidores com os rumos das taxas de juros nos Estados Unidos. Mas, ao contrário de crises anteriores, em nada a alta da moeda americana e as incertezas externas afetaram as perspectivas positivas para a inflação. "As projeções do mercado para 2006 estão apontando para um índice abaixo da meta, de 4,5%. E, para o ano que vem, estão ancoradas na meta, também de 4,5%", disse. "Trata-se de um ganho histórico, pois, quando a inflação está sob controle, a renda dos trabalhadores aumenta e as empresas se sentem mais confortáveis para investir", emendou.

Diante desse quadro, Meirelles afirmou que a sociedade não pode abrir mão do controle da inflação, que deve se tornar regra, e não exceção. Na sua avaliação, é a estabilidade de preços a longo prazo que permitirá ao BC reduzir as taxas de juros para patamares mais aceitáveis. "O Banco Central, como todos os brasileiros, deseja ter a menor taxa de juros possível. É por isso que optamos pelo sistema de metas de inflação. Não podemos deixar a inflação voltar", assinalou. O presidente do BC destacou ainda que, desde a adoção do regime de metas, as taxas reais de juros (que descontam a inflação) caíram acentuadamente e tendem a continuar caindo se o país insistir no compromisso com a estabilidade. No próximo dia 29, o Conselho Monetário Nacional (CMN)

Daniel Ferreira/CB



MEIRELLES (C), NO CONGRESSO, DESMENTE INFORMAÇÃO DE QUE DÓLAR CAI POR CONTA DOS JUROS ALTOS

definirá a meta de inflação para 2008. A tendência é de se manter o índice em 4,5%, apesar de boa parte do mercado ver espaço para uma taxa de 4%.

Ibope baixo

Sem grandes questionamentos, já que o plenário das comissões estava praticamente vazio — somente seis parlamentares fizeram perguntas —, Meirelles descartou qualquer possibilidade de o governo intervir no mercado de câmbio, adotando sistemas de controle de entrada e de saída de capitais do país. O presidente do BC lembrou que, nos anos de 1980, o Brasil recorreu ao controle de capitais e os resultados foram desastrosos. O país ficou muito vulnerável a choques externos. Para ele, também não faz sentido o BC intervir no câmbio para proteger um ou outro setor. "Esse tipo de artificialismo não funciona. Seria como pôr um paciente com

saúde em uma UTI. Hoje, temos um regime de câmbio flutuante que reflete a solidez dos fundamentos da economia brasileira. E o real está se transformando em uma moeda forte, o que é bom, pois deixa o Brasil menos vulnerável e mais competitivo no mercado mundial", destacou.

Meirelles aproveitou a falta de preparo de parte dos parlamentares que o sabatinaram para derubar os argumentos de que o dólar está em baixa no Brasil por causa dos juros altos. "Quando se olha o movimento cambial, vemos que, em 2005, o saldo da balança comercial foi positivo em US\$ 45 bilhões. Já o fluxo financeiro ficou negativo em US\$ 28 bilhões", disse. Ele acrescentou que o país está exportando cada vez mais produtos manufaturados, agregando valor à balança. "Desde o final do ano passado, as vendas de manufaturados estão crescendo a uma taxa supe-

rior à das exportações totais."

Crédito

Sobre a relutância do sistema financeiro em reduzir o chamado *spread* bancário, que infla as taxas de juros cobradas nos empréstimos a pessoas físicas e a empresas, Meirelles afirmou que os bancos se aproveitaram do aumento da demanda por crédito para ampliar os ganhos. "Mas já estamos vendo o *spread* cair para os níveis mais baixos das séries do BC", assinalou, sem convencer os parlamentares. Ele destacou que o crédito com desconto em folha (consignado) tornou-se um importante instrumento para a população substituir dívidas mais caras por débitos mais baratos. Entre os aposentados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), metade dos empréstimos consignados foi feita por aposentados e pensionistas que ganham até um salário mínimo por mês.